

**EXPANDIDO****O MERCADO DAS PULGAS DE PELOTAS – UMA PROPOSTA DE LEITURA DA FEIRA COMO UM MUSEU A CÉU ABERTO**

(Modalidade de trabalho: Apresentação oral)

Em razão das disputas sociais, concepções historiográficas e museológicas, não raro é encontrada a predileção de memórias e de narrativas das elites, nos museus dedicados à memória das cidades, colocando tais narrativas como uma verdade totalizadora de uma ou mais populações – afinal uma cidade pode ser composta além de bairros e zonas, por distritos. Tal fato leva a desconsideração das trajetórias de vida ou representações identitárias plurais, ou seja, ligadas a maioria dos grupos sociais que constituem uma urbe. Toda esta conjuntura corrobora em dificuldades de formações de museus que tem como premissa contar a história de uma determinada cidade e das contradições que ela carrega. (MENESES, 1985). Muitas vezes, esses projetos acabam abandonados ou, no caso de muitos museus existentes, a recorrente falta de relação entre sociedade e instituição museológica, que torna-se estranha àquela população a qual se refere e dirige.

Em Pelotas a constituição de um Museu da Cidade ainda é um projeto, sobre o qual repousam muitas disputas. Os museus existentes, como o Museu Parque da Baronesa e Museu da Bibliotheca Pública Pelotense dirigem-se a história de uma parcela da população, com pequenas inserções de narrativas menos elitizadas, ainda assim estão longe de abarcar uma “representatividade cidadina”.

Em meio a isto o Mercado das Pulgas de Pelotas, que também possui disputas internas sobre a iniciativa, vem se tornando um espaço de preservação e comunicação de memórias a partir de objetos evocadores, da oralidade e negociações – para além das monetárias – culturais. Vem sendo chamado nos meios de divulgação como jornais, como um “museu à céu aberto” e chega ao seu terceiro ano de funcionamento congregando uma grande parcela da população e memórias muito diversas.

A proposta aqui apresentada visa comunicar a pesquisa em curso, “Os objetos, seus circuitos, apropriações e histórias: o Mercado das Pulgas de Pelotas” utiliza o evento semanal – que dá título a ao projeto – que regularmente vem ocorrendo oficialmente, desde 21 maio de 2014, aos sábados das 10 às 17 horas no Largo Edmar Fetter – logradouro conhecido popularmente como Largo do Mercado Central.

A trajetória resumida da Feira, parte primeira edição do Mercado das Pulgas montado no Largo Edmar Fetter data de 12 de agosto de 2012, organizada através das *redes sociais*, com o intuito preferencial de troca de vestuários e acessórios de moda. Ao que compete a atual conformação, a iniciativa partiu da mobilização convergente entre poder Municipal – em razão do controle do espaço público – e os expositores de antiguidades que participavam da Feira da Princesa, resultando no arranjo, para a primeira edição de 2014, de um grupo de quinze expositores.

Atualmente a Feira é regida por um *processo de curadoria*, subtendido pela seleção dos objetos comercializados, organização espacial, direção e fiscalização, que define o evento como um local de troca, de exposição ou comércio de bens moveis, em geral, antigos e/ou usados. Também estão incluídos objetos de fabricação artesanal *diferenciados*, objetos de cerâmica, tela ou madeira, mobiliário, talheres, louças, livros roupas e objetos colecionáveis diversos. (SECULT, 2014)

Uma das características marcantes do Mercado das Pulgas de Pelotas é a momentaneidade adquirida por cada edição. Não é possível verificar os mesmos objetos e os mesmos feirantes

em todas as montagens. Outro ponto a ser destacado é a ocupação de uma área estratégica de passagem para pedestres no centro da cidade composto por um cenário patrimonial, fazendo face a Praça Coronel Pedro Osório – marco central das edificações tombadas em nível Municipal pelo COMPHIC, Estado pelo IPHAE e federal pelo IPHAN inserida ao lado do próprio Mercado Central, também tombado desde 1984. Pelo potencial do cenário patrimonial arquitetônico, conjuntamente com as demais opções de consumo, turismo e lazer, o Mercado das Pulgas se consolidou com êxito em pouco tempo, como ponto de encontro e socialização dos mais variados tipos de *atores* que já reivindicavam às necessidades supridas pelo evento.

Para que atinjamos nossos objetivos, as estratégias escolhidas foram o levantamento e estudo histórico sobre o Mercado Central de Pelotas com finalidade de entender o contexto de desenvolvimento do Mercado de Pulgas, como parte de um projeto de requalificação do lugar com base em fontes bibliográficas e orais; observação participativa do evento em que estão sendo verificadas com os expositores, as atividades de comercialização/ recirculação de objetos, qual a origem dos objetos, como são selecionados e os critérios de fixação de valores monetários, assim como os processos de negociação; coleta de material de imprensa; mapeamento do espaço e análise comparativa com eventos congêneres, como a Feira de Tristan Narvaja em Montevideu e Feira de San Telmo em Buenos Aires e, por fim a confecção de estudos com base no escopo teórico-metodológico da Museologia, Memória Social e Patrimônio.

Como resultado das observações participativas com feirantes e frequentadores, obtivemos a presença de uma frase muito presente: “A vovó tinha”. Pudemos observar que boa parte das aquisições sejam elas pelo simples olhar e tocar ou pelo ato de comprar – adquirir a posse –, são baseadas em ações memorialistas seja do próprio sujeito observador, ligando os objetos a um tempo pretérito da sua própria vida, assim como a sua identidade quando se remonta um objeto narrativas singulares à região ou à história de outrem imbricada no objeto. Desta forma, a exploração do objeto não se liga somente ao fato do consumo material, porém sim a aquisição de memórias perdidas, sejam elas factuais ou fictícias.

Também foram observadas no Mercado das Pulgas de Pelotas, visitas em grupos em que pais transmitem histórias aos filhos ilustrando-as com os objetos, procedendo a uma comunicação mediada pelos objetos de segunda mão e segunda vida (DEBARY, 2010) disponíveis na feira.

Outro ponto experimentado é o de estar em contato com outras culturas, ou seja, com “o outro”, que remonta aos Museus antropológicos tradicionais. A feira também abarcou recentemente a produção artesanal do grupo *kaingang* que chegou a Pelotas em 2014. Para este grupo, a participação na feira é importante, pois é uma possibilidade deles colocarem-se em contato com a cidade, uma vez que foram realocados pelo poder municipal, distantes do centro da cidade, o que dificulta a venda de sua produção material, atividade fundamental para a própria subsistência da comunidade.

De objetos singulares à seriais, sobretudo de segunda mão, lançados ao solo obedecendo lógicas que ainda estamos por explorar, espécies de coleções selvagens de memórias ainda não classificadas (DEBARY, 2004), a chamada feira de pulgas vai ajudando a tecer uma história da cidade através do percurso do olhar e movimento dos seus frequentadores, muitos dos quais, tornaram-se habituais visitantes.

Em conclusão, a comparação da Feira com uma instituição museológica é constatada pelos participantes, que assim a associam. Também denotamos que o contato interpessoal, intrapessoal, com o cenário e com os objetos no ambiente da Feira serve como um gatilho para a (re)apropriação de memórias e importantes para constituição de identidades por meio de narrativas repassadas no ambiente ou por vestígios materiais. Por fim não deixamos de aproximar que tais experiências podem ser verificadas pela ótica do conceito de *fato museal* de Waldisa Rússio.

## Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.
- BLOM, P. **Ter e manter. Uma história íntima de colecionadores e coleções**. São Paulo: Record, 2003.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Edusp, 1994.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira (coord.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, v. 1, 2010
- CENTRO MUNICIPAL DE EXPOSICIONES SUBTE. **Feria De Tristán Narvaja tiempo, señales y objetos: Homenaje del CME-SUBTE a los 100 años de la Feria de Tristán Narvaja**. Montevideo: Zona Editorial, 2009.
- DEBARY, O. **Segunda mão e segunda vida: objetos, lembranças e fotografias**. Revista Memória em Rede, Pelotas, v. II, n. 3, p. 27-45, Agosto-Novembro 2010.
- DEBARY, O.; (ORGS), L. T. **Objets & Memoires**. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 2007.
- \_\_\_\_\_Tellier, Arnaud. Objets de peu. Le marché à rederies dans la Sommes. *L'Homme* 2004/2 (nº 170), p. 117-137.
- GONÇALVES, J. R. S. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2007.
- HERNÁNDEZ, J. B.; TRESSERAS, J. J. I. **Gestión del patrimonio cultural**. Barcelona: Ariel, 2007.
- LATOURET, B. **Uma sociologia sem objeto? Observações sem a interobjetividade**. Revista-Valise, Porto Alegre, V, n. 10, Dezembro 2015.
- MILLER, D. **Trecos, Troços e Coisas: Estudos Antropológicos sobre a Cultura Material**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- PEÑA, J. M. **Museo de la Ciudad**. Buenos Aires: Comisión para la Preservación del Patrimonio Histórico Cultural de la Ciudad de Buenos Aires, 2003.
- POMIAN, K. **Coleção**. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, v. I Memória-História, 1984. p. 51-86.
- SECULT. **Regulamento do Mercado das Pulgas**. Secretaria Municipal de Cultura - Prefeitura Municipal de Pelotas. Pelotas. 2014.
- TAVARES, P. L. **Do lixo ao luxo: a valorização de objetos a partir da Feira de Antiquidades da Praça XV**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2010.